

Cumprimentos

Em primeiro lugar queria agradecer ao senhor presidente da Câmara por ter escolhido a nossa terra, a beirada do rio, para a colocação desta escultura, inspirada nos suportes das redes e nos abrigos de pesca, que por aqui mantêm a traça original, conferindo a esta paisagem uma rara beleza. Este projeto insere-se numa iniciativa da CIM Alto Minho, no âmbito do projeto “desencaminharte” ao pretender instalar uma obra de arte em cada concelho da Comunidade. Agradecimentos também extensivos a todos aqueles que estiveram envolvidos nesta iniciativa, desde os promotores aos autores da obra, pois trata-se de um projeto que defende a preservação da nossa identidade, visando, ao mesmo tempo, melhorar e valorizar o nosso património natural e construído. No âmbito deste projeto está ainda pensada a requalificação dos abrigos em pior estado de conservação.

O rio e esta margem (beirada do rio, como nós lhe chamamos), faz parte de todos e de cada um de nós. *«Em Lanhelas, as memórias, as tradições e as lendas entrelaçam-se no rio, são parte do museu vivo constituído pelas histórias dos mais velhos e por muitos hábitos que ainda convivem nos nossos tempos».*

Um dos episódios mais marcantes e mais recuados passou-se nestas margens, quando os lanhelenses em 1644, enfrentaram os espanhóis de forma heroica, aquando das incursões feitas pelos nossos vizinhos, na restauração da independência. A confirmá-lo existe na igreja matriz um quadro da época, com um documento que refere «*Aos 23 dias do mês de abril, dia de S. Jorge, no quarto d'alva, veio o inimigo com oito barcos e a gente desta freguesia, a peito descoberto lhe fizeram frente e não somente os fizeram retirar, como cativaram dois capitães e trinta e quatro galegos vivos...dez galegos mortos, com perda desta freguesia de três mancebos solteiros e um homem casado...*»

Memórias mais recentes recordam-nos o “carocho”, relíquia do património etno-fluvial da Ribeira Minho, aperfeiçoado ao longo dos tempos, de acordo com o rio em que navegava. Barco contruído ao longo de várias gerações por homens da nossa terra, era transportado em carros de bois até esta margem e aqui era calafetado com piche, conferindo-lhe uma tonalidade preta. Feito de madeira e pano, deslizava sem ruído, pela força dos braços que sustinham a remada. Barco que saía para a pesca e trazia belas redadas de lampreias, sáveis ou solhas. Pelas suas características foi utilizado no contrabando, qual frota negra que sulcava as águas no silêncio da noite escura..., barco que transportou muitos dos que emigraram a salto para a França, na tentativa de fintarem a miséria e encontrarem uma vida melhor. Tornou-se também num excelente barco de recreio, memórias de umas férias felizes, de aprendizagem do nadar, agarrados às cordas que os seguravam às margens, dos piqueniques nesta ou na outra margem, ...

Memórias das águas crescerem tanto que chegavam à linha do caminho de ferro, agonia dos mais velhos e fascínio das crianças, memórias da “vedeta”, barco da marinha ancorado no rego da torre, com o vaivém dos marinheiros, que lá viviam.

Memórias destas margens que levavam os jovens às festas da “Salu”, do outro lado do rio, com bailarico pela noite dentro; viagens que transportaram emoções e expectativas e trouxeram uniões e casamentos.

Histórias pessoais de conquista, de coragem, de luta pelo pão de cada dia, de sustento e de proventos para a construção das suas casas, histórias boas com fim feliz, ... mas também histórias de dor, de sofrimento e de perda. Alguns perderam a vida em naufrágios ou mesmo pelo tiro certo de um carabineiro ou de um guarda fiscal.

Este local foi recentemente palco de dois memoráveis Encontros de Embarcações Tradicionais, em 2003 e 2005, e foi considerado pelos participantes, sobretudo pelos galegos, o lugar mais belo de todos os lugares onde estes Encontros se realizam em Portugal e na Galiza.

A escultura “Abrigo”, é no nosso entendimento, uma homenagem à beleza cénica deste trecho de margem e, ao mesmo tempo, a todos aqueles que pereceram nestas águas, aos pescadores, do passado e do presente, pescadores que nos trazem peixe de excelência, que faz de Lanhelas uma referência gastronómica com a solha seca.

É também uma homenagem ao presente, mas sempre com o olhar acutilante no futuro. Ao presente pelas melhorias que foram feitas recentemente com a construção da ecovia e da estrada, com o uso de materiais, no respeito pela preservação do ambiente. Uma homenagem que é realizada através desta escultura.

Que esta manifestação artística “Abrigo” seja um bom augúrio para o futuro. Que a margem do rio que nos foi vedada, recentemente, seja devolvida aos lanhelenses, através da ligação da ecovia desde este ponto até à estação de caminho de ferro. Que se torne uma realidade nos tempos mais próximos e que constitua um elemento igualmente valorizador desta paisagem e desta porção de território, sem interrupções e sem entorses.